

Manuel Mendes e os Marinheiros do Douro

Há uma figura que a todas as outras sobreleva, que vemos sempre projectada no fundo azul do céu e na alvura das nuvens. Firme na apegada, como um santo no andor, vai mestre Colino, o nosso arrais, movendo com ambas as mãos a espadela, que é como um longo remo. A este governo da embarcação chamam-lhe pejar e faz-se do alto da ponte de comando, sempre com os olhos postos no caminho da água. O rabelo, para descer o rio, só à força de remo ou alado à sirga, pois raríssimo acontece que sobre algum vento do sopé, como para aqui, em certas zonas, designam o vento de Leste. Por isso, seis homens da tripulação nunca cessam de remar chape-que-chape na água –, todo o santo dia nesta condenação de galeotes. O arrais é um homem possante, espadado, de mãos grossas como cepos, o olho vivo, sorridente, e o lábio leporino, o que lhe dá ao falar um trejeito de boca infantil, em contraste com a rudeza dos movimentos e a forte corpulência, que mais se avantajam com as manobras que executa lá do alto poiso, na consciência de que tudo depende do seu prudente governo.

.....

Fala e logo no entono das palavras se sente o amor e orgulho que nutre pelo rio. Aqui nasceu e aqui tem vivido – é este o cenário de toda a sua existência. Conhece isto a palmas, entra nos rápidos com a segurança e destreza de quem é mestre no ofício, tem de memória onde estão as pedras submersas, os perigos que a todo o custo é preciso evitar. O Douro tem sido a sua estrada de sempre – almocreve destes caminhos fluviais. Além disso, de tão familiarizado com a mesma rota, conhece tudo, sabe o nome das quintas e dos povoados, dos areios e das barrocas, as minudências dos lugares, e para terra conversa com a gente que lá anda na sua faina, tu-cá-tú-lá, no à-vontade de quem está ao cavaco no adro da sua aldeia, ou do recoveiro que saúda quem encontra pelos caminhos que sempre trilha. Lá ao alto, na estrada, passa uma camionete, e ele acena, berra a sua saudação, que ecoa pelas quebradas. – “É o Farrapa que vem com a roga para as vindimas”. Para estas bandas chamam assim aos ranchos, principalmente de minhotos e beirões, que trazem rogados para estes trabalhos do campo. A distância, parecem formigas amontoadas sobre a camioneta, mas ele distingue-os, conhece-os perfeitamente, e logo informa: – “São de Arouca, porque quem lá vai é o Silvestre rogado.”

.....

Quando passam por certas imagens cravadas na penedia, descobrem-se com respeito religioso e ficam por momentos a fitá-las. Se acaso murmuram alguma oração, valha a verdade que nem os lábios se lhe vêem mover. Concentram-se e quedam-se silenciosos como as fragas à beira do rio, onde nem a água chapinha.



MARINHEIROS JANTANDO EM TERRA — in DOURO — Principaes Quintas, Navegação, Culturas, Paisagens e Costumes,
por MANUEL MONTEIRO. Porto, Emílio Biel & C.ª — Editores, 1911

.....
Barco chama-se ao rabelo que acarreta de quarenta pipas para cima, barquinha ao de vinte a quarenta, barquinho o de vinte para baixo. Já os houve que carregavam cem pipas, uma fortuna a navegar sobre as águas do rio, se avaliarmos que hoje cada pipa de vinho do Douro vale em média quarenta mil escudos, e se pensarmos que antigamente levava maior preço, pois nunca foi tão mal pago como agora, o celebrado nectar criado ao sol destes montes. Tudo contribui para o mesmo afundamento, para a mesma desventura que entristece os homens, e tem deixado os barcos a desmantelar-se e a apodrecer, exterminados pelos interesses novos.
.....

Marinheiros lhes chamam, aos tripulantes dos rabelos. Barqueiros do Douro são os que navegam de margem para margem, nas pequenas barcas de passagem. (. . .) O destino dos rabelos é como o destino de quem morre no mar — desaparecer para sempre nas águas, sem deixar vestígios, desfeito naquele lodo fino. Penso que não haverá osso que possa persistir do cavername dos vossos barcos. O tempo devora, o tempo consome as coisas, mas eu sei que até à última hora mestre Colino há-de ficar de pé no seu poleiro, as mãos presas à haste da espadela e o olhar atento para o ferver das cachoeiras. Este ofício anda-lhe no sangue, vem-lhe das cinzas dos “velhos dele”, de gerações e gerações de marinheiros que navegaram por estas águas. Eu vou apontando o que ele me diz e o que lhe leio nos olhos, sobretudo a pergunta angustiante, que não chega a formular em palavras, mas que assim é porventura mais impressiva e sobretudo aflita: — Não se dará um dia, nesta morte, o bom milagre de uma ressurreição? . . .

MENDES, Manuel, Roteiro Sentimental — Douro. Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1964 pp. 36 a 44



Apesar de pouco promovido internacionalmente, **MANUEL MENDES** é um dos mais significativos e versáteis artistas portugueses do nosso tempo. Escultor, ficcionista e cronista, teve a capacidade de descobrir em pequeninas coisas — sem o mascaramento da realidade, sem a visão folclorista de um António Nobre — uma série de valores edificantes que o animaram numa árdua caminhada, toda ela impregnada de um portuguesismo lúcido.

Condenando todas as formas de deserção do intelectual num mundo que, afinal, lhe pertence e que não é “justo nem razoável negar ou esquecer”, nele se propõe a intervir, a atuar: “O mundo, que recebemos das mãos dos nossos pais, compete-nos entregá-lo a nossos filhos, mais perfeito e mais justo, para que a nossa consciência de homens se sinta, em verdade, apaziguada e livre”.⁽¹⁾

Nascido em Lisboa, em 18 de janeiro de 1906, cursou História e Filosofia na Faculdade de Letras da mesma Cidade, até que a greve académica de 1931 estabeleceu uma situação de atrito entre os alunos e o corpo docente, acabando por levá-lo à interrupção dos estudos no último ano do curso.

Daí por diante, nunca mais deixou de viver com intensidade o momento político. Em 8 de outubro de 1945, estava entre os onze promotores da reunião do Centro Almirante Reis, que deu origem ao Movimento de Unidade Democrática, de cuja Comissão Central passou a fazer parte. Participou ativamente das principais campanhas eleitorais a que concorreu o seu Partido e, em 1949, incumbiu-se da direção dos trabalhos de imprensa e propaganda da Comissão Central dos Serviços da Candidatura à Presidência da República do general Norton de Matos. Em 1958, acompanhou todos os acontecimentos que precederam e sucederam a candidatura independente do general Humberto Delgado à Presidência da República.

Amigo de Bento de Jesus Caraça, Fernando Lopes Graça, Dordio Gomes, e do professor Mário de Azevedo Gomes, entre outros líderes do movimento seareiro, foi no círculo da “Seara Nova” que iniciou a sua carreira de escritor. Depois de analisar o volume de poesias *Divina Tristeza*, de Anrique Paço d’Arcos⁽²⁾, logo focaliza a obra do “nosso mestre” Antero para, em seguida, apresentar “algumas notas e reminiscências” sobre Afonso Lopes Vieira. E nesta trilha segue a sua vocação de ensaísta histórico-literário, passando por Herculano, Oliveira Martins e Aquilino Ribeiro, até alcançar o projeto de uma obra mais completa — *A Geração de 1870*, publicada a partir de 1960, e cujos primeiros fascículos tratam de um tema já explorado por Quntal e António Sérgio: “Isolamento e Decadência dos Povos Peninsulares”.

Como artista plástico, concorreu a diversas mostras na Sociedade Nacional de Belas-Artes, entre as quais as do Salão dos Independentes, e às duas apresentações da Exposição Geral das Artes Plásticas (1946-47). Autor de uma série de retratos (José Gomes Ferreira, António Varela, Ofélia Marques, Miss Kastner), destacou-se também como crítico de arte.

(1) *Breve Perfil de Herculano*. Porto, Biblioteca Fenianos, 1945 pp. 8 e 9

(2) *Seara Nova*, nº 53, Lisboa, 15-IX-1925, pp. 94-95.

Na ficção, Manuel Mendes é o que poderíamos chamar de um poeta do cotidiano em forma prosaica. Mas a graciosidade da sua linguagem, a riqueza da sua imaginação artística, em momento algum nos leva a alçar voos condoreiros que nos abstraíam de uma realidade, por vezes bucólica, romântica, e lírica, mas também, em outras ocasiões, extremamente dura e sombria.

Todavia, por mais adversa que se possa mostrar a realidade, o notável romancista e contista tem a capacidade de buscar no interior da alma portuguesa uma mensagem de grandeza e de esperança. Uma esperança que sempre carregou consigo, e externou numa profissão de fé ao seu amigo Artur Santos Silva: “É que volta e meia não podemos deixar de olhar o céu e dir-se-ia que nos convencemos de que o tempo vai mudar, vai abrir, como se diz, muito embora as primaveras do nosso doce clima sejam um tudo-nada ásperas, batidas dos ventos e das chuvas.” (3)

Tipos os mais diversos desfilam em suas obras, alguns dos quais refletindo a grande preocupação do autor com situações e condições específicas, como a infância e a adolescência (“Alvorada” e outros). Vivendo a tragicomédia do homem comum, denuncia, a seu modo, a necessidade de reformas político-sociais. “Nos seus três livros de **Bairro** (1945, 1958, 1960) – como observa João Pedro de Andrade – é o cronista entre irônico e enternecido das figuras humildes ou pícaras e dos pequenos dramas da cidade.”

Para ele o povo e a paisagem não constituem apenas um pano de fundo, como aparecem, por exemplo, na imortal obra de Eça de Queirós. Ele sente, identifica-se com a gente miúda, capta o seu inconsciente, retrata as suas alegrias, desejos e frustrações, seja numa tranquilizadora paisagem rural (roteiro sentimentais do Douro e do Tejo), seja na tensão do cenário urbano.

Em 1969 faleceu este maduro-jovem do **Restelo**, local onde assinou os últimos dos seus célebres prefácios a uma produção literária que é, toda ela, uma mensagem de amor e confiança no gênero humano.

Eis a relação das suas obras:

- 1942 – Machado de Castro
- Antero de Quental
- 1943 – Testamento Político de D. Luís da Cunha (prefácio e notas)
- 1944 – Considerações sobre as Artes Plásticas
- 1945 – Breve Perfil de Herculano (conferência)
- Bairro
- Rodin
- 1947 – Oliveira Martins – O Homem e a Vida (conferência)
- 1952 – Estrada (contos)
- 1954 – Pedro (romance; 2ª ed., 1963)
- Discursos Parlamentares, de Almeida Garrett (reedição e introdução)
- 1955 – Diálogos de Roma, de Francisco de Holanda (pref. e notas)
- Alvorada (romance; 2ª ed., 1964)
- Lembranças de Um Amador de Escultura
- 1958 – Dordio Gomes
- Segundo Livro do Bairro (2ª ed., 1966)
- Abel Manta
- 1959 – Raul Brandão e Columbano
- Carlos Botelho
- Diogo de Macedo

- 1960 – Aquilino Ribeiro
- Terceiro Livro do Bairro
- A Geração de 1870 (obra programada para 2 vols., publicada em fascículos)
- 1961 – João de Barros Visto por Um Português (introd. ao Adeus ao Brasil, de João de Barros)
- 1962 – Jorge Barradas
- Assombros (contos)
- Francisco Smith
- 1964 – Roteiro Sentimental – Douro
- 1965 – Roteiro Sentimental – A Sul do Tejo
- Acerca do Integralismo Lusitano, de Raul Proença (prefácio)
- 1967 – Roteiro Sentimental – Os Ofícios
- 1968 – História Natural (contos)
- Retratos de Alguns Portugueses (public. anunciada)

Além destas publicações, traduziu *O Ruivo*, de Jules Renard (romance, 1943), e *A Vida de Benevenuto Cellini* (Editorial Inquérito); prefaciou e anotou as traduções de *O Elogio da Loucura*, de Erasmo (1945), de *O Príncipe*, de Nicolò Machiavelli, e de *Utopia*, de Thomas More (1947). Tem colaboração dispersa nas revistas *Vértice*, *Revista de Portugal* e *Gazeta Musical* e de *Todas as Artes*; assim como nos jornais *República* e *O Século*, de Lisboa, e o *Primeiro de Janeiro*, do Porto. E autor de verbetes para a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

FRANCISCO LUIZ BORGES SILVEIRA